

**DOCÊNCIA COMPARTILHADA: REFLETINDO AS MULTIPLAS VISÕES
ACERCA DA BELEZA A PARTIR DO USO DE IMAGENS RENASCENTISTAS
(CHARGES, REVISTAS, FOTOGRAFIAS E PINTURAS)**

Risoneide Silva de Araújo¹

Maiza Ribeiro de Sousa²

Orientadora: Rosemere Olímpio de Santana³

RESUMO

Este artigo é resultado de nossa experiência na docência compartilhada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, realizado na Escola Dom Moisés Coêlho, no qual subprojeto de História. Para tal estudo de caso, abordamos as aulas de Renascimento e Humanismo nas turmas de 7º ano “C” e “D”, estas se pautaram em discussões acerca das visões dos alunos sobre o conceito de beleza. Sendo assim, fizemos uso de charges, revistas e pinturas de épocas diferentes, na qual os alunos pudessem problematizar o conceito de beleza. Que cada sociedade e temporalidade histórica possuía um determinado conceito. Além disso, problematizamos o modelo padrão de arte e beleza renascentista, utilizando para tal, discussões sobre o auto retrato e fotografia. Assim, os olhares foram ampliados para tal conceito, no qual os alunos identificaram que a beleza envolve questões que vão além da estética.

PALAVRAS-CHAVE: Beleza. Docência compartilhada. Imagens.

INTRODUÇÃO

Tomando como ponto de partida à Docência compartilhada, na qual procuramos estabelecer uma relação entre o período Renascentista com suas pinturas sobre o belo e o cotidiano dos alunos, percebemos através do conhecimento prévio dos mesmos o conceito de beleza referente a estética. Logo, tal conceito era bem definido nas turmas 7º “C” e 7º “D”, pois beleza assemelhava-se sempre a uma boa aparência, ou seja, ligada a um padrão que determina um corpo vulgo “gostoso”. Essas reflexões só foram possíveis devido a nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de História da Universidade Federal de Campina Grande- Campus Cajazeiras, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior- CAPES. Tendo como objetivo estreitar os laços entre a

¹Graduanda do curso de licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. risoneide_liciane@hotmail.com .Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES.

² Graduanda do curso de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. izamataraso@hotmail.com Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES.

³ Professora Doutora e coordenadora do PIBID de História na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. rosemere.santana@hotmail.com

universidade e as escolas da rede básica de ensino, onde os alunos possam ter o contato mais próximo com o ambiente escolar, vivenciando esse espaço de forma mais ampla, permitindo as trocas de experiências entre os sujeitos que operam suas múltiplas relações com o ensino. Assim, na cidade de Cajazeiras- Paraíba o PIBID desenvolve essas atividades, onde a aproximação com esse espaço fomenta subsídios para repensar o desenvolvimento docente, ampliando novos horizontes no ensino de história.

Propomos uma discussão acerca de como os alunos percebem o conceito de beleza a partir de imagens, pinturas e charges. Sendo assim, isso foi possível a partir da docência compartilhada nas turmas do 7º “C” e “D” onde foi desenvolvido o conteúdo sobre o Renascimento e Humanismo. Tal estudo foi relacionado não apenas sobre a época exposta, mas o assunto foi mencionado nos diversos espaços que tange os dias atuais.

Para tanto, nossas expectativas eram permitir uma maior reflexão que envolvesse diálogos e debates, trocas de experiências em torno do corpo e seus cuidados e como as várias visões, no que refere ao belo, é construído no cotidiano da sala de aula e como estes também podem perpassar esses espaços.

O Subprojeto de História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras foi criado em 2014, junto a esse projeto tem a necessidade de criar espaços de discussões como: ciclo de debate, cursos, oficinas, que possam analisar e ao mesmo tempo instrumentalizar a prática do docente no ensino de história, desmistificando a ideia que o ensino de história está desassociado de um presente. Por isso, a possibilidade da utilização de diversas linguagens, também para problematizar a diversidade cultural, contribuindo para a formação do cidadão-critico. Estudar temáticas na qual envolve temas que muitas vezes não são refletidas ou problematizadas no âmbito escolar, pois perceber as subjetividades dos alunos com a temática permite novos olhares sobre esses espaços socioculturais. Assim ao relacionar os alunos com esses recursos, construímos uma relação necessária para o desenvolvimento de ações não estereotipadas e discriminatórias sobre o corpo masculino e feminino.

TECENDO OS SABERES ACERCA DO CONCEITO DE BELEZA (CHARGES, REVISTAS, FOTOGRAFIAS E PINTURAS)

A docência compartilhada nos aproxima das subjetividades que se forjam no espaço escolar, pois o meio é heterogêneo, uma vez que nesse espaço várias identidades

podem ser ressaltadas, pois atuamos de forma ativa junto a escola, com o supervisor e a coordenadora. Desse modo, pensar em abordar o conceito de beleza, tornou-se elemento chave para entender as múltiplas visões dos alunos sobre a temática, como também refletir sobre os dilemas presentes na escola Dom Moisés Coêlho, estes que versa sobre bullying com o corpo dos alunos, uma vez que aqueles que não seguem os padrões pela mídia televisiva, como também das revistas, acabam sendo alvo de preconceitos. Percebemos os vários discursos que se seguem no meio escolar sobre o belo, ressaltando que essas concepções estão voltadas ao que é produzido pela mídia, adequando-se ao seu cotidiano, assim, tomam como beleza um padrão que é definido por um corpo marcado pela definição das formas e das cirurgias plásticas.

Partindo desse pressuposto, iniciamos o nosso planejamento, com reuniões, pesquisas bibliográficas, discussões dos textos e a elaboração do plano de aula. Assim, partimos para a prática. O plano foi desenvolvido da seguinte maneira: Primeiro traçamos os objetivos, estes compreendem:

Conceitual:

Compreender as fases Renascentistas e sua contribuição para com a arte e construção do belo. Percebendo assim os arranjos existentes nas relações que se constituía entre os humanistas, burguesia e a Igreja.

Atitudinal:

Analisar (charges, revistas, fotografias e pinturas) nas quais retratem como era a pintura renascentista, percebendo o padrão de beleza que era empregado nessa sociedade. A partir dessas observações, foi feito um contra ponto com o cotidiano dos discentes mediante das capas das revistas “Revista Nova Brasil” e “Revista Capricho”.

Procedimental:

Problematizar como o conceito de beleza é concebido pelos alunos, após a exposição e reflexão do assunto será confeccionado pinturas, onde possa retratar a concepção dos discentes sobre a beleza.

Mediante os objetivos começamos a ativar o conhecimento prévio dos alunos, utilizando pinturas renascentistas, uma vez que buscávamos aprender a concepção previa do público alvo sobre o período estudado como também o que seria o ideal de beleza para os mesmos. Fizemos esse paralelo devido as diversas pinturas que retratam um corpo exuberante e entender juntamente com os alunos como ao perpassar dos anos as ideias de beleza são incorporadas nas diversas sociedades.

Visto isso, percebemos que há uma relação de uma cultura para outra, o qual versa sobre o ideal de beleza e o cuidado com o corpo, assim esses apontamentos detém

poder sobre os indivíduos, uma vez que Renascimento e a sociedade contemporânea conceituam padrões diversificados do que é belo.

Para trabalhar as pinturas renascentistas utilizamos os principais pintores e suas obras de destaque. Na primeira fase do renascimento no século XIV, usamos de Giotto di Bordone e sua obra (Lamentação afresco de Giotto di Bordoni), no século XV fora exposto o pintor Sandro Botticelli e algumas de suas obras (O nascimento de Vênus). Para discutir o século XVI, apropriamos de algumas pinturas de Leonardo da Vinci (Leda e o cisne, Madona Litta, Senhora com Arminho, A santa ceia e Mona Lisa). Ao decorrer da aula utilizamos de revistas, charges e fotografias, como forma de relacionar as concepções contemporâneas no que tange a beleza e quais os padrões as mesmas colocam como predominantes.

Referente as pinturas buscamos fazer uma discussão voltada para a questão do belo, como estes pintores renascentistas se preocupavam e buscavam ressaltar o corpo humano atraindo valores para o ideal de beleza. Desse modo, a partir das explicações das fases renascentistas abrimos um espaço para mostrar um pouco como funcionava esse cotidiano, pois a Igreja também teve um papel de destaque nessa época estudada, uma vez que os humanistas buscavam os preceitos básicos na antiguidade e por pensar de tal maneira surgia os conflitos com a Igreja, pois conforme (SEVCENKO, 1987, p. 15) os humanistas apresentava uma nova concepção de mundo.

[...] A Igreja, portanto, para quem a história humana só atingira a culminância na Era cristã, não poderia ver com bons olhos essa atitude. Não quer isso dizer que os humanistas fossem a teus, ou que desejassem retornar ao paganismo. Muito longe disso, o ceticismo toma corpo na Europa somente a parti dos séculos XVII e XVIII. Eram todos cristãos e apenas desejavam interpretar a mensagem do Evangelho à luz da experiência e dos valores de antiguidade. Valores esses que exaltavam o indivíduo, os feitos históricos, a vontade e a capacidade de ação do homem, sua liberdade de atuação e de participação na vida das cidades. A crença de que o homem é a fonte de energias criativas e limitadas, possuindo uma disposição inata para a ação, a virtude e a glória. Por isso, a especulação em torno do homem e de suas capacidades físicas e espirituais tornou a preocupação fundamental desses pensadores, definindo uma atitude que se tornou conhecida como antropocentrismo. A coincidência desses ideais com os propósitos da camada burguesa é mais que evidente.

Portanto, para o conhecimento prévio foi realizado algumas perguntas como, “o que vocês entendem por Renascimento?” “O que é a belo?” “Como seria uma pessoa bonita para vocês?” “Qual o padrão de beleza definido na nossa sociedade?” “Qual a importância da pintura ou fotografia na nossa sociedade atual?” “Qual a relação que nós

temos hoje com fotografia?” “Vocês acham que devemos seguir um padrão de beleza?”
Por quê?”

A partir dessas perguntas as respostas giravam em torno de um desconhecimento do período renascentista, as concepções de beleza eram voltadas para um padrão físico no qual o corpo seguia o estilo *fitness* “gostosa”, “malhado”, “estilo paniquet”. Ao serem indagados sobre pinturas e fotografias muitos relatavam como uma maneira de guardar um momento, uma lembrança, foram múltiplas visões algumas respostas voltadas para “não, cada pessoa tem sua beleza” “tem que ser gostosa” desconheciam ou não souberem responder.

Após ativar o conhecimento prévio dos alunos, utilizamos imagens, pinturas, charges e fotografias. Para o melhor desenvolvimento do assunto exposto, problematizamos e questionamos as mesmas. As imagens foram usadas como recursos metodológicos para subsidiar a aula partindo do presente dos alunos. Problematicamos juntamente com os alunos o padrão de beleza que era constituído no período renascentista e como a sociedade conceitua a beleza em diferentes épocas.

“ENTRE O FEIO E O BELO”: AS IMAGENS ENQUANTO FONTES DE INSPIRAÇÃO PARA O CONCEITO DE BELEZA

A partir do conceito de beleza empregada na Idade média por Huizinga (2010), no qual o mesmo nos remete a ideia que a beleza está atrelada a um caráter divino, podemos ter a noção de que o belo pertence ao lugar que remete a um pensamento de uma divindade e tudo aquilo que foge desse lugar empregado ao divino pode ser considerado como feio. A análise feita por Huizinga (2010) é utilizada a partir do conceito de beleza identificado por Dionizio Cartuxo no qual o mesmo nos apresenta essa beleza voltada para a esfera do divino, sendo assim ele tem uma concepção definida, dessa maneira, podemos observar que Dionizio Cartuxo tem uma concepção fixa voltada a natureza enquanto forma de divindade e Huizinga conceitua a beleza de forma mais ampla, onde o belo não tem uma definição única, pois o mesmo sofre diversas influências ao decorrer dos séculos. No que tange as concepções de beleza Huizinga (2010) “portanto análise do belo é falha, a expressão da admiração é superficial. De início, não se vai muito além do uso dos conceitos de medida, graça, ordem, grandeza e utilidade para explicar a beleza.”

Por tanto, compactuando deste mesmo pensamento (SEVCENKO, 1987, p. 19) nos mostra que:

[...]Todo belo é uma manifestação do divino. Assim sendo, a exaltação, o cultivo e a criação do belo, consistem no meio mais elevado ao exercício de virtude e no gesto mais profundo de adoração a Deus. A produção do belo através da arte é o ato mais sublime de que é capaz o homem. Mas a arte não é a mera imitação da natureza é sim sua superação no sentido da perfeição absoluta. Uma tal superação da natureza só seria possível por um conhecimento mais rigoroso de suas leis e propriedades, que permitisse transpô-la com a máxima harmonia nas obras de arte através da elaboração da temática precisa.

Então, a beleza esta encoberta por subjetividades, onde cada sociedade tem uma forma própria de manter o culto ao belo. No período renascentista os pintores retratavam a beleza a através das imagens como sendo algo voltada a exaltação do corpo, nas suas formas e perfeições, onde se percebe o movimento vivo das imagens em suas técnicas de óleo sobre tela. O período renascentista se destaca no sentido de mostrar o homem como ser que preocupa-se com sua aparência, pois as roupas e arranjos das fotos ressaltam a preocupação de estar aparentemente bem diante da imagem.

Nesse sentido, para (SEVECENKO,1987, p. 25) “a arte renascentista é uma arte de pesquisa, invenções, inovações e aperfeiçoamentos técnicos ela acompanha paralelamente as conquistas da física, da matemática, geometria, anatomia, da engenharia e filosofia”. O toque humanizado era de real importância para expressar um novo estilo na arte, onde evidenciava a busca no sentido divino a partir da figura do homem, pois quanto mais se aproxima da essência de Deus, tem se a ideia de pureza, uma vez que as artes não expressavam o desejo carnal, voltado ao sentido pejorativo do sexo a sim como podemos acompanhar em algumas imagens contemporânea, onde são manipuladas pela indústria de consumo, mas as imagens renascentista ressaltavam o principalmente, a pureza do homem.

Mediante questões abordadas, podemos destacar aqui, que as abordagens feitas em sala de aula sobre o período renascentista partiram antes de questões presentes imbricadas no meio social dos alunos. Então, utilizamos como dito *a priori* charges e imagens da turma da Mônica, no momento que os alunos tivesse o acesso a tal imagem pudessem acionar seus mecanismos de lembranças e perceber que tais imagens remetem-se ao período renascentistas. Logo, a beleza abordada em sala de aula mostra a mulher como sendo algo voltada ao sentido carnal, onde resalta os desejos e

imaginários diante um corpo exuberante, aquele perfil de pessoa que na dita linguagem popular “para o trânsito”.

Essas linguagens foram trabalhadas e analisadas a partir da ótica da rentabilidade, na qual a imprensa, assim como a televisão e revistas criam perfis do ser feio ou bonito, pois isso mostra que para ser belo custa caro, uma vez que por trás do corpo belo existem os produtos que ajudam melhorar a aparência. Vivemos em sociedade que é escrava da beleza, a medicina e suas técnicas avançadas criam formulas para o rejuvenescimento ou emagrecimento, as academias oferecem treinamento de definição total, onde a ritualização para com o corpo exige cuidados, sacrifícios e investimentos.

De acordo com (DELUMEAU, 1983, p. 24) “[...] Deslumbrado com a beleza do corpo, pôde restitui-lhe o seu legítimo lugar na arte e na vida. Mas, com isso, não aspiravam a romper com o cristianismo. A maioria dos pintores representou com igual convicção bíblicas e nus mitológicos.” Logo, as pinturas carregam consigo as subjetividades do artista, pois mesmo as artes tendo sofrido transformações, ou seja, na sua estética, cores e delineamentos, tais pinturas ainda seguem uma lógica da cultura grega, onde a essência do homem transcende o movimento vivo das imagens, estas retratadas na exuberância do corpo nu, ressaltando antes de tudo, a beleza do homem ligado ao divino.

Visto isso, na sala de aula, as imagens permitirão uma melhor discursão do conteúdo, onde as mesmas foram usadas como recursos para presidir a aula. De início as imagens foram apresentadas pelos alunos, pois o foco de discursões se fizeram presentes mediante ligações de uma época (Contemporânea) a outra (Renascentista), intercalando o que continua e o que desaparece de uma sociedade para outra. Acerca das imagens discute (PAIVA, 2004, p. 19-20):

A imagem é um retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretencioso. A história e dos diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e olhares de seus produtores e dos demais agentes que influenciaram essa produção.

Com tudo isso, as imagens permitiram um melhor desenvolvimento das aulas, pois os alunos foram percebendo as diferentes formas de ver e entender as imagens, estas recortadas a partir de um lugar social, uma vez que existe uma intencionalidade de quem produz e manipula tal objeto. Então, as imagens não são neutras, elas revelam

uma época e lugar, como também as formas de cada sociedade refletir sobre suas construções pessoais, assim como a beleza por entre as pinturas e sensibilidades de um período.

PALAVRAS FINAIS

Na guisa de conclusão, podemos perceber as dificuldades encontradas no ambiente de sala de aula e das várias formas de como os alunos se percebiam, ou seja, da forma de como estes carregavam consigo conceitos de beleza recortados a partir das visões impostas pela mídia, como televisão e revistas. O ambiente escolar é muito carregado de apelidos para com os outros, os próprios alunos criavam tais hábitos como formas de ridicularizar os demais colegas. Assim, envolvemos os alunos em uma aula na qual buscamos remontar uma nova visão sobre o que é ser belo, onde fizemos o paralelo entre duas sociedades que cultuou e continua a cultuar o corpo, colocando como centro principal a vaidade e beleza.

Assim, enquanto bolsistas do PIBID, procuramos desnaturalizar tais discursos ao que se refere ao belo. Desse modo, o caminho para tal desnaturalização é pela educação é por isso que o PIBID busca aproxima-se do contexto escolar identificando as necessidades presentes e atuando de forma a manter uma relação mais ampla com os alunos e principalmente ao que compete ao ensino de História e as particularidades dos alunos para novas visões, permitindo dessa maneira olhares mais críticos que possam discutir com naturalidade questões que muitas vezes passam despercebidos no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

A SANTA CEIA DE DA VINCI (1495) e Mona lisa (1506), tinta a óleo, retrato Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pintura/a-ultima-ceia/>>. Acesso em: 17-05-2015.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Estampa: Lisboa, 1983

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16.ed. Rio de Janeiro: LTC,2011.

HUIZINGA, Johan. A sensação de Beleza. In: **O outono da Idade Média: estudos sobre as de vida e de pensamentos dos séculos XIV e XV na França e nos países Baixos**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAMENTAÇÃO (1305), afresco de Giotto di Bondoni <http://www.ricardocosta.com/artigo/dor-daperda-mulheres-e-o-luto-na-historia> acesso em: 17-05-2015.

O NASCIMENTO de Vênus obra de Botticelli (1486). Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/sandro-botticelli/>>. Acesso em 17-05-2015.

PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
REVISTA CAPRICHOS. Disponível em:
<<http://www.esmalterrealce.com.br/midia/2013/07.php>>. Acesso em: 17-05-2015.
REVISTA NOVA BRASIL. Disponível em:
<<http://caroldieckmann2013.blogspot.com.br/2013/01/julho-2008-revista-nova.html>>.
Acesso em: 17-05-2015.
SEVCENKO, Nicolau. **O renascimento**. 5ed. São Paulo: Atual, 1987.